Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Fátima Gabriela Cunha Magalhães

Formação da Identidade e Comportamentos Problemáticos na Adolescência

junho de 2025

Formação da Identidade e Comportamentos Problemáticos na Adolescência
Fátima Gabriela Magalhães
UMinho | 2025



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Fátima Gabriela Cunha Magalhães

Formação da Identidade e Comportamentos Problemáticos na Adolescência

Dissertação de Mestrado
Psicologia Clínica na Infância e Adolescência

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Carla Cristina Esteves Martins
Professora Doutora Eugénia Maria Ribeiro Pereira

Junho de 2025

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Agradecimentos

A presente dissertação de mestrado assinala o final de uma grande etapa da minha vida e por isso, é importante agradecer a todas as pessoas que me acompanharam direta ou indiretamente nesta jornada, tornando-a memorável.

À minha família, pelo apoio incondicional e pela compreensão ao longo de todo o meu percurso académico. Um agradecimento especial à minha mãe e irmã pelo amor, paciência e incentivo constante.

Ao meu namorado, pela paciência, carinho e por estar sempre ao meu lado, mesmo nos dias mais exigentes. À minha querida amiga Maria, pelo suporte, disponibilidade, conselhos e pela amizade que me tem acompanhado desde o primeiro dia da minha formação.

Às minhas colegas do grupo de investigação, pela partilha, apoio mútuo, colaboração e ajuda, dentro e fora do contexto académico. Um especial agradecimento à Carolina pela ajuda e disponibilidade ao longo destes dois anos - contigo, o processo desta dissertação foi muito mais leve.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer às minhas orientadoras, pela disponibilidade, orientação e ensinamentos que enriqueceram não só neste trabalho, mas também para o meu crescimento pessoal e profissional. A vossa dedicação e preocupação com o desenvolvimento desta dissertação foram fundamentais para a conclusão desta etapa.

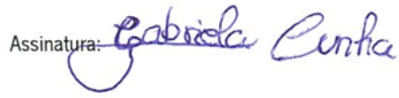
Este mestrado foi uma etapa marcante da minha formação, e foi vivido com mais leveza graças ao apoio de todas estas pessoas, a quem dedico este trabalho com profunda gratidão.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 16 de junho 2025

Assinatura: 

Formação da Identidade e Comportamentos Problemáticos na Adolescência

Resumo

Este estudo investigou a relação entre os processos de formação identitária e os comportamentos problemáticos de internalização e externalização numa amostra de 30 adolescentes portugueses (16-17 anos), utilizando o Modelo de Três Fatores (Crocetti et al., 2008). Através de uma abordagem mista que combinou entrevistas semiestruturadas e o questionário *Youth Self-Report* analisou-se como as dimensões identitárias- compromisso, exploração profunda e reconsideração do compromisso- se relacionaram com os sintomas de internalização e externalização. Os resultados revelaram que o compromisso emergiu como a dimensão mais saliente nas narrativas dos participantes, associando-se a maior estabilidade emocional e satisfação com as escolhas identitárias. A exploração profunda, embora importante para o desenvolvimento saudável, mostrou uma correlação significativa com os sintomas de internalização, sugerindo que quando excessiva, pode gerar sofrimento emocional. Particularmente relevante foi a descoberta de diferenças de género nos padrões identitários, enquanto os rapazes apresentaram maior associação entre a exploração profunda e mal-estar emocional, as raparigas demonstraram maior capacidade de conciliar a reflexão identitária com a manutenção de compromissos estáveis. Conclui-se que o modelo é válido para esta fase desenvolvimental, enfatizando o papel adaptativo, mas potencialmente desafiante, da exploração e reconsideração identitárias.

Palavras-chave: Formação da identidade, comportamentos problemáticos, adolescência, diferenças de género.

Identity Formation and Problem Behaviours in Adolescence

Abstract

This study investigated the relationship between identity formation processes and problematic internalising and externalising behaviours in a sample of 30 Portuguese adolescents (aged 16‑17), using the Three-Factor Model (Crocetti et al., 2008). Using a mixed approach that combined semi-structured interviews and the Youth Self-Report questionnaire, we analysed how the identity dimensions–commitment, deep exploration, and reconsideration of commitment–related to internalisation and externalisation symptoms. The results revealed that: commitment emerged as the most salient dimension in the participants' narratives, being associated with greater emotional stability and satisfaction with identity choices. Deep exploration, although important for healthy development, showed a significant correlation with internalisation symptoms, suggesting that when excessive, it can cause emotional distress. Particularly relevant was the discovery of gender differences in identity patterns, while boys showed a greater association between deep exploration and emotional distress, girls demonstrated a greater ability to reconcile identity reflection with maintaining stable commitments. It is concluded that the model is valid for this developmental stage, emphasising the adaptive but potentially challenging role of identity exploration and reconsideration.

Keywords: Identity formation, problematic behaviours, adolescence, gender differences.

Índice

1. Revisão da Literatura 9

2. Objetivos 12

3. Metodologia 13

3.1. Amostra 13

3.2. Instrumentos 13

3.2.1. Identidade 14

3.2.2. Comportamentos problemáticos de internalização e externalização 14

3.3. Procedimento 15

3.4. Análise de dados 15

3.4.1. Análise qualitativa 15

3.4.2. Análise quantitativa 16

4. Resultados 17

4.1. Análise Qualitativa 17

4.2. Análise Descritivas 19

4.3. Análises Correlacionais 21

5. Discussão 27

5.1. Dimensões Identitárias 27

5.2. Relação entre a Identidade e os Comportamentos Problemáticos 28

5.3. Papel do sexo 28

6. Conclusão 30

7. Limitações e Sugestões para Futuras Pesquisas 31

8. Referências Bibliográficas 32

Índice de Figuras

Figura 1. Gráfico Circular dos Construtos da Identidade 19
Figura 2. Consulta de Codificação em Matriz: Referências dos Construtos por Participante 19

Índice das Tabelas

Tabela 1. Análise Qualitativa das Três Dimensões Identitárias 18
Tabela 2. Medidas Descritivas Relativas aos Construtos Identitários e Resultados da YSR 20
Tabela 3. Associação entre os Construtos da Identidade 21
Tabela 4. Associação entre Sexo, Identidade e Comportamentos Problemáticos 22
Tabela 5. Correlação entre os Construtos da Identidade e Comportamentos Problemáticos 23
Tabela 6. Correlação a Identidade e os Comportamentos Problemáticos por Sexo 25

1. Revisão da Literatura

A construção de uma identidade coerente constitui um elemento fundamental para o desenvolvimento saudável e integral dos adolescentes. A identidade forma-se mediante as experiências quotidianas e os contextos relacionais em que os jovens estão inseridos, designadamente nas interações com os pais e pares, os quais fornecem *feedback* determinante acerca de si mesmos, passível de ser ajustado ou consolidado. Ao longo do desenvolvimento, os adolescentes iniciam um processo de exploração identitária que lhes confere um sentido subjetivo de coerência e continuidade, tanto ao longo da adolescência como nos diversos contextos em que se movem (Branje, 2021).

De acordo com a Teoria Psicossocial de Erikson (1968), este processo de formação identitária envolve crises recorrentes, as quais são progressivamente resolvidas ao longo do desenvolvimento. A não resolução dessas crises pode resultar no surgimento de um fenómeno designado por Confusão de Identidade. Embora um certo grau de confusão seja expectável nesta fase, níveis mais elevados estão associados ao aparecimento de sintomas depressivos, de ansiedade e uma maior propensão para comportamentos de risco (Luyckx et al., 2008; Schwartz et al., 2009).

Posteriormente, James Marcia (1980) reformulou a teoria da identidade, propondo que o seu processo de formação envolve quatro estados distintos, definidos pela presença ou ausência de exploração e compromisso. A exploração corresponde a um período de tomada de decisão consciente, no qual o jovem avalia as opções definidas. O compromisso, por sua vez, refere-se ao investimento pessoal numa determinada ocupação ou sistema de crenças, orientado para a concretização das escolhas efetuadas (Papalia et al., 2012). Assim, distinguem-se quatro estados identitários: a Realização de Identidade (exploração seguida de compromisso), a Execução (compromisso sem exploração prévia), a Moratória (exploração sem compromisso estabelecido) e a Difusão de Identidade (ausência tanto de exploração como de compromisso) (Papalia et al., 2012).

Meeus (1996) postula que, mesmo após os adolescentes concluírem o processo de exploração de alternativas e estabelecerem um compromisso, podem persistir (ou não) numa reflexão ativa sobre as escolhas realizadas, bem como na recolha de informações adicionais acerca dos compromissos assumidos. Nesse contexto, o Modelo de Três Fatores, proposto por Crocetti et al. (2008), apresenta uma abordagem parcimoniosa para analisar a formação e transformação identitária ao longo do desenvolvimento. Este modelo baseia-se em três

dimensões centrais: o compromisso, a exploração profunda e a reconsideração do compromisso. O compromisso refere-se ao grau em que o jovem se identifica com as suas escolhas e se mantém fiel a elas. A exploração profunda diz respeito ao envolvimento ativo dos adolescentes na reflexão e análise das suas opções, mediante a procura de informações pertinentes. Por fim, a reconsideração do compromisso consiste na avaliação crítica dos compromissos atuais face a alternativas possíveis, podendo culminar na sua substituição (Crocetti et al., 2008). O modelo integra ainda um processo de ciclo duplo (Luyckx et al., 2006), composto pelo ciclo de manutenção e pelo ciclo de revisão de identidade. No primeiro, os adolescentes aprofundam e consolidam os seus compromissos existentes, assegurando que estes estão alinhados com as suas capacidades e valores, reforçando, assim, uma sensação de segurança e coerência identitária. Nesta fase, o compromisso e a exploração profunda atuam em sinergia, consolidando as escolhas realizadas e preservando uma autoimagem estável. Já no ciclo de revisão de identidade, os compromissos previamente estabelecidos deixam de ser satisfatórios ou adaptativos, levando o jovem a reconsiderá-los a favor de novas opções. Neste processo, a reconsideração do compromisso manifesta-se através do questionamento e reavaliação das decisões tomadas, refletindo-se na autoimagem do adolescente – fenómeno designado como períodos de crise (Crocetti et al., 2015). Deste modo, o modelo demonstra como os jovens constroem, avaliam e reformulam a sua identidade ao longo do tempo, sendo aplicável a diversos domínios da vida (De Lise et al., 2023).

Os estudos longitudinais evidenciam uma progressiva maturação da estabilidade identitária ao longo do desenvolvimento. Neste contexto, verifica-se que, no final da adolescência, os jovens manifestam maior compromisso com as escolhas realizadas – fruto de uma crescente segurança nas mesmas – e uma menor tendência para a sua reconsideração (Crocetti et al., 2009; Luyckx et al., 2014; Schwartz et al., 2012). Não obstante a relativa estabilidade do processo identitário, as transições desenvolvimentais significativas, como a entrada para o ensino superior, a integração no mercado de trabalho ou a ocorrência de eventos de vida stressantes, exigem a incorporação dessas experiências na identidade, seja como elementos de continuidade, seja como catalisadores de mudança (Branje, 2021). O modo como os jovens processam e integram tais experiências constituiu um fator determinante no curso do desenvolvimento identitário (Branje, 2021).

O Modelo de Três Fatores (Crocetti et al., 2008) da formação de identidade apresenta uma relação significativa com o desenvolvimento de comportamentos problemáticos de internalização

e externalização. Os primeiros remetem para problemas no funcionamento psicológico interno do indivíduo, tais como sintomas de ansiedade e depressão; enquanto os segundos se caracterizam por manifestações comportamentais disruptivas no contexto externo, como comportamentos agressivos (Achenbach & Edelbrock, 1978). Particularmente, o compromisso emerge como um elemento crucial, na medida em que promove sentimentos de segurança, estabilidade e maior satisfação vital (Dimitrova et al., 2018; Rokvic et al., 2022). Constituiu ainda um preditor robusto de uma identidade consolidada, associando-se a um autoconceito estável, traços de extroversão, bem-estar psicológico e social, reduzida incidência de comportamentos problemáticos de internalização e externalização e relações parentais mais positivas (Crocetti et al., 2008; Crocetti et al., 2010; Morsunbul et al., 2014). Em contrapartida, a exploração profunda pode ser conceptualizada como um processo identitário adaptativo, na medida em que pressupõe um envolvimento ativo e responsável dos adolescentes com os seus compromissos. Este processo associa-se positivamente a características como amabilidade, abertura à experiência, à consciencialização e responsabilidade social. Contudo, a exploração profunda apresenta igualmente aspetos disfuncionais; quando o adolescente se envolve numa exploração exacerbada, pode gerar ceticismos e inseguranças relativamente às escolhas realizadas, resultando numa reduzida clareza de autoconceito e instabilidade emocional. Particularmente, indivíduos que combinam elevada exploração profunda com baixo compromisso tendem a exibir maior sintomatologia depressiva (Crocetti et al., 2008; Crocetti et al., 2010; Crocetti et al., 2012; Karaś et al., 2014). No que concerne à reconsideração do compromisso, esta configura um processo identitário semelhante a uma crise desenvolvimental, caracterizado por relações negativas com traços como a consciencialização e a amabilidade. Encontra-se associada a relações familiares pobres, dificuldades psicossociais e comportamentos problemáticos de internalização e externalização (Crocetti et al., 2009). Embora se observe um impacto negativo imediato, manifestado através da incerteza relativamente aos compromissos assumidos, em contextos de mudança, este processo pode revelar-se adaptativo a longo prazo, permitindo o ajustamento dos compromissos às novas circunstâncias. Acresce que, conforme demonstrado por Crocetti e colaboradores (2008, 2010), com o avanço da idade, os jovens tendem a manifestar maior segurança nas escolhas realizadas, tornando-se progressivamente menos propensos à reconsideração dos seus compromissos atuais.

Erickson (1968) postula que a formação da identidade pode variar em função das expectativas, práticas sociais e normas culturais associadas ao sexo do adolescente. As

investigações subsequentes procuraram analisar estas diferenças, embora os resultados obtidos se revelem inconclusivos. Archer (1989) e Kroger (1997) não identificaram diferenças significativas no desenvolvimento identitário entre rapazes e raparigas, já Bogaerts et al. (2018) verificaram que os rapazes, com idades compreendidas entre os 11 e os 19 anos, apresentavam níveis de compromisso significativamente superiores aos das raparigas. Adicionalmente, a literatura existente aponta para ligeiras disparidades de género nas manifestações dos comportamentos problemáticos: os rapazes demonstram maior propensão para comportamentos de externalização, enquanto as raparigas tendem a exibir predominantemente problemas de internalização (Crocetti et al., 2013).

O presente estudo visa analisar a aplicabilidade do Modelo de Três Fatores de Crocetti et al. (2008) na formação da identidade nos adolescentes, focando-se nas suas três dimensões estruturais – compromisso, exploração profunda e reconsideração do compromisso- através da utilização de entrevistas semiestruturadas como principal instrumento metodológico. Adicionalmente, pretende-se examinar a relação entre estas dimensões identitárias e os comportamentos problemáticos e avaliar o papel do género nestas associações.

2. Objetivos

A investigação teve como objetivo principal examinar a aplicabilidade do Modelo de Três Fatores de Crocetti et al. (2008) na avaliação da formação identitária em adolescentes, recorrendo a uma metodologia mista como método privilegiado. Pretendeu-se não só analisar a adequação deste modelo à amostra em estudo, mas também explorar as relações entre as três dimensões identitárias – compromisso, exploração profunda e reconsideração do compromisso – e comportamentos problemáticos de internalização e externalização, bem como o papel do género nestas dinâmicas.

No que dizia respeito ao primeiro eixo de análise, a operacionalização do modelo, parte-se da premissa de que as narrativas dos adolescentes permitiriam identificar padrões associados a cada dimensão identitária. Esperou-se que o compromisso se associasse a discursos de segurança e continuidade, enquanto a exploração profunda emergiu em relatos de busca ativa de informação. Já a reconsideração do compromisso manifestou-se através de narrativas de dúvidas que permitiram aos adolescentes ajustar os seus compromissos às novas circunstâncias.

Quanto ao segundo objetivo, a relação com os comportamentos problemáticos, as hipóteses orientaram-se pela literatura existente. Antecipou-se que níveis elevados de compromisso se correlacionassem com relatos de menores comportamentos de internalização e

externalização. Em contraste tanto a exploração profunda como a reconsideração do compromisso revelaram relações positivas com os comportamentos problemáticos de internalização e externalização.

Finalmente, no que concerne ao terceiro objetivo, o papel do sexo, esperou-se que as análises revelassem diferenças significativas. Com base nos estudos anteriores, hipotetizou-se que o sexo masculino apresentasse maior prevalência de comportamentos de externalização, enquanto as raparigas tenderam a relatar mais sintomas de internalização. Adicionalmente, explorou-se o papel do sexo na relação entre processos identitários e comportamentos problemáticos.

Para orientar empiricamente estas análises, formularam-se as seguintes questões de investigação, num primeiro momento como é que se manifestaram as três dimensões do Modelo de Três Fatores nas narrativas identitárias dos adolescentes? Quais foram as dimensões com maior presença? Foi possível verificar se existia relação entre as três dimensões?

No segundo eixo central da investigação que se focou em explorar de que modo as dimensões identitárias se relacionaram com os comportamentos de externalização e internalização, a questão foi: Que padrões relacionais emergiram das dimensões identitárias e os comportamentos problemáticos? Por fim, sobre o papel do sexo: Como se expressou a relação entre as dimensões identitárias e os comportamentos problemáticos no sexo feminino e sexo masculino?

3. Metodologia

3.1. Amostra

A amostra inicial foi constituída por 36 adolescentes: 16 (44.4%) rapazes e 20 (55.6%) raparigas com idades compreendidas entre os 16 e os 17 anos (*M* = 16.97, *DP* = 0.17), que frequentam o 11º ano, 12º ano e o primeiro ano da universidade. Para a análise final os participantes que não responderam a todos os questionários propostos foram excluídos, resultando numa amostra final de 30 adolescentes (*M* = 16.97, *DP* = 0.18): 12 rapazes (40%) e 18 raparigas (60%). Os participantes foram recrutados do estudo longitudinal *Children's Socio-Emotional-Cognitive School Readiness: Developmental Course During Preschool Years,* tendo sido reintegrados para a nova fase de avaliação decorrida uma década após o início do estudo.

3.2. Instrumentos

3.2.1. Identidade

A avaliação das dimensões identitárias, compromisso, exploração profunda e reconsideração do compromisso, foi realizada através de uma entrevista semiestruturada desenvolvida especificamente para este estudo. o guião da entrevista foi composto por seis questões de resposta aberta, permitiu que os participantes expressassem livremente as suas opiniões, a entrevista não teve limite de tempo e foi realizada em condições ambientais controladas, numa sala adequadamente iluminada, acusticamente isolada, com decoração neutra e livre de distrações.

O guião da entrevista focou-se nos seguintes tópicos: (1) natureza e perspetiva de manutenção do grupo de amizade face a mudanças futuras, (2) autorrelato e satisfação com a identidade atual, (3) disposição para explorar novos aspetos sobre si mesmo, (4) passatempos atuais e abertura a novas experiências, (5) planos académicos/profissionais e as suas motivações subjacentes e (6) perceção sobre a necessidade de ajustes futuros nos planos traçados.

Esta abordagem não só permitiu identificar os processos identitários dominantes em cada adolescente no momento da avaliação, como também captar as nuances narrativas que os instrumentos quantitativos podem não conseguir detetar.

3.2.2. Comportamentos problemáticos de internalização e externalização

Para avaliação dos comportamentos problemáticos, utilizou-se o *Youth Self-Report* (YSR) (Achenbach & Rescorla, 2001), na versão portuguesa validada por Dias et al. (2014). Este instrumento de autorrelato, destinado a adolescentes dos 11 aos 18 anos, é composto por 119 itens: 112 itens são cotados numa escala de *Likert* de 3 pontos (0= "não é verdadeiro); 1= "de alguma forma ou algumas vezes verdadeiro" e 2= "muito verdadeiro ou muitas vezes verdadeiro") enquanto os restantes 7 itens são de resposta aberta. Para os propósitos deste estudo, consideram-se especificamente a escala de síndromes, com especial enfoque na escala de internalização (α = 0,84 em amostras normativas) constituída pelas subescalas ansiedade/depressão, isolamento/depressão e queixas somáticas, e a escala de externalização (α = 0,85 em amostras normativas) que integra as subescalas comportamentos agressivos e comportamentos delinquentes (Achenbach et al., 2014). Adicionalmente, analisou-se a pontuação total da escala de síndromes, que agrega os resultados das escalas de internalização, externalização e outros problemas. Estas subescalas demonstram excelentes indicadores de consistência interna na população portuguesa, justificando a sua seleção para avaliar os construtos em análise (Achenbach et al., 2014).

3.3. Procedimento

Este estudo insere-se no âmbito do projeto longitudinal Children's *socio-emotional-cognitive school readiness: A longitudinal approach to its developmental course during preschool years*, inicialmente aprovado pela Comissão Nacional de Proteção de Dados. A primeira fase de recolha de dados decorreu entre 2011 e 2013, envolvendo 77 famílias com crianças de 4 anos e meio de idade, tendo sido realizada a segunda fase quatro meses antes de entrarem para o 1º ciclo do ensino primário.

Para a presente fase de investigação, após a aprovação da Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Minho, procedeu-se ao contacto telefónico dos 77 participantes iniciais quando estes se encontravam na faixa etária entre os 16 e 17 anos. Deste total, 36 adolescentes aceitaram participar na nova fase de recolha de dados. O protocolo de investigação incluiu a obtenção do consentimento informado escrito, assinado pelos participantes e seus encarregados de educação, no qual constavam informações detalhadas sobre os objetivos e procedimentos do estudo. Foram realizadas duas sessões de avaliação por participante, onde na primeira se procedeu à administração de uma entrevista semiestruturada gravada sobre a identidade e, na segunda, a aplicação do questionário YSR. Como forma de compensação pela participação no estudo, cada adolescente recebeu um *voucher* da FNAC após a conclusão de todas as tarefas de avaliação.

3.4. Análise de dados

3.4.1. Análise qualitativa

Os dados qualitativos obtidos através das entrevistas semiestruturadas, foram transcritos na íntegra e analisados mediante a abordagem da análise temática (Braun & Clarke, 2006). Esta metodologia revelou-se particularmente adequada devido à sua flexibilidade e capacidade de explorar sistematicamente os temas relacionados com o Modelo de Três Fatores da Identidade (Crocetti et al., 2008).

O processo seguiu as etapas propostas por Kuckartz e Rädiker (2023) relativamente à análise qualitativa de categorias dedutivas, porém com algumas adaptações. Inicialmente, realizou-se a familiarização com os dados, envolvendo a transcrição e leitura das entrevistas, o que permitiu uma imersão no material e o registo de notas importantes. Na fase de codificação, definiram-se as três categorias principais: compromisso, exploração profunda e reconsideração do compromisso e as suas respetivas subcategorias, admitindo-se que mais que um tema pode

emergir da resposta do participante, desde que respeitasse a unidade de significado completa, neste caso a fala do participante.

Após o primeiro ciclo de codificação, refinou-se a definição das categorias e subcategorias para garantir que todos os temas descrevessem com rigor o conteúdo das respostas dos participantes, conforme recomendado por Braun e Clarke (2006). No segundo ciclo de codificação, todo o material foi revisto e recodificado com o sistema definitivo. O *codebook* final organizou-se da seguinte maneira: o compromisso foi composto por 11 subcategorias: autoconceito estável, escolha duradoura, bem-estar positivo, bem-estar social, identificação com o compromisso, relações afetuosas com os pais, ajustamento social, adaptação psicossocial, satisfação com a vida, baixos comportamentos problemáticos e extroversão. A exploração profunda composta por 8 subcategorias: amabilidade, exploração em profundidade, baixa clareza do autoconceito, abertura à experiência, baixa estabilidade emocional, ceticismo face às escolhas feitas, responsabilidade social e consciencialização. Por fim, a reconsideração do compromisso foi composta por 6 subcategorias: reconsideração do compromisso, comparação dos compromissos atuais, relações familiares pobres, baixa clareza do autoconceito, abandono das escolhas feitas e comportamentos problemáticos. A codificação baseou-se inicialmente numa abordagem dedutiva, *top-down* (Braun & Clarke, 2006), alicerçada nos principais referenciais teóricos (Crocetti et al., 2008; Crocetti et al., 2010; Crocetti et al., 2012; Morsunbul et al., 2014; Karaś et al., 2014). Contudo, o sistema de codificação manteve-se suficientemente flexível para incorporar categorias de natureza indutiva, como “influência familiar” e “baixa exploração”, que surgiram diretamente da análise de dados.

Todo o processo foi realizado com o apoio do *software* NVivo 14, ferramenta especializada que permitiu a organização sistemática do *corpus* de dados qualitativos, a identificação e visualização das relações conceptuais entre códigos e a análise aprofundada dos padrões temáticos.

De modo a garantir a fiabilidade da análise, foi realizado um processo de codificação independente por dois juízes previamente treinados (J1 e J2), que analisaram 20% da amostra (*n* = 6). O índice de concordância entre avaliadores situou-se entre 66% e 83%.

3.4.2. Análise quantitativa

Paralelamente, quantificou-se o número de referência de cada um dos três códigos principais por participante, o que permitiu efetuar uma análise quantitativa complementar. Estes dados foram processados no *software* SPSS (versão 29), tendo-se realizado análises descritivas

para interpretar as variáveis estudadas: os construtos identitários (compromisso, exploração profunda, reconsideração do compromisso e variáveis indutivas) e os comportamentos problemáticos de internalização e externalização. Para examinar as relações entre as variáveis, adotaram-se as seguintes abordagens estatísticas: (a) utilizou-se a correlação ponto-bisserial para analisar as associações entre o sexo dos adolescentes e as pontuações obtidas na YSR, bem como entre o sexo e os construtos identitários; (b) aplicou-se a correlação de *Spearman* para avaliar as relações entre os construtos da identidade entre si e entre as pontuações obtidas na YSR; (c) recorreu-se ainda à correlação de *Spearman* para explorar eventuais relações entre os construtos identitários e comportamentos problemáticos no sexo masculino e no sexo feminino

4. Resultados

4.1. Análise Qualitativa

A Tabela 1 sintetiza os resultados qualitativos organizados pelas três dimensões identitárias centrais do estudo – compromisso, exploração profunda e reconsideração do compromisso.

Os resultados revelaram que o compromisso nos adolescentes surge associado a uma autoimagem positiva e relações de suporte, como ilustrado em declarações do tipo: "*A ligação que nós temos uns com os outros. A proximidade quase instantânea que surgiu e a nossa capacidade de nos compreendermos bem uns aos outros*." (023_CLF). Já a exploração profunda emergiu como um processo ambivalente, enquanto demonstra uma reflexão ativa nas escolhas realizadas ("*gosto muito. Então, eu descubro tudo, tudo que eu conseguir descobrir, eu descubro. Eu vejo concertos dela todos os dias, também não é todos os dias como é óbvio né*" (018_CNSL)), também pode ser expressa através de incertezas quanto às escolhas feitas ou à autoimagem dos adolescentes ("*Eu acho que ainda há coisas que eu me preocupo demasiado que não há necessidade nenhuma*" (018_CNSL)). Por fim, a reconsideração do compromisso manifestou-se, principalmente, ligada a contextos de transição quer expressos de forma positiva ("*Sim, acho que mudou muita coisa na minha cabeça mudou o, as, a forma com eu via as coisas, a forma como eu lidava com algumas coisas, como eu reagia a algumas coisas.*"(010_CLF)) quer negativa ("*sim sim, é algo que me deixa muito nervosa porque eu dou-me muito bem com duas amigas minhas e elas estão muito entusiasmadas com isto da faculdade e eu não tou muito(⋯)*" (022_FL)).

Tabela 1

Análise Qualitativa das Três Dimensões Identitárias

	Definição	Exemplos
Compromisso	O jovem sente-se comprometido com as escolhas que fez (Crocetti et al., 2008).	*"Eu gosto da pessoa que sou. Acho que, não mudaria nada em mim porque acho que tudo se complementa bem."* (014_MP) *"Foi, foi. Eu tenho bastante conversas com ele, quando eu tenho problemas no desporto, por exemplo, ele ajuda-me sempre."* (033_CCG)
Exploração Profunda	Processo identitário adaptativo que envolve um compromisso ativo do adolescente, mas pode tornar-se disfuncional quando excessiva, gerando dúvidas, redução da clareza do autoconceito e instabilidade emocional (Crocetti et al., 2008).	*"Sim, acho que foi mais de mim. Eu é que fiquei a conhecer por causa do meu pai, mas depois comecei a aprofundar isso por minha causa."* (018_CNSL) *"Se eu tivesse de mudar muito os meus planos futuros seria, claramente, um desafio grande, um desafio novo, quer dizer eu não, nem consigo pensar num caso específico ou no que é que faria se eu tivesse que pensar nalgo novo, por isso, com certeza que seria difícil."* (035_CNSL)
Reconsideração do Compromisso	Comparação dos compromissos atuais com compromissos alternativos e a possível substituição dos mesmos (Crocetti et al., 2008).	*"sim, sim, é algo que me deixa muito nervosa porque eu dou-me muito bem com duas amigas minhas e elas estão muito entusiasmadas com isto da faculdade e eu não tou muito, sinceramente, porque tenho medo do do novo e de, pronto, de estar num ambiente que não é muitooo, pronto, que é diferente, não estou habituada, estive 12 anos a fazer a mesma coisa e agora vai mudar completamente."* (022_FL) *"Ah, nesse caso eu vejo mesmo a, a parte de faculdade como uma oportunidade para fazer mais ou menos um reset…"* (015_CLF)

4.2. Análise Descritivas

As Figuras 1 e 2 expõem as dimensões identitárias, organizadas em quatro eixos principais retirados da análise qualitativa final:

Figura 1

Gráfico Circular dos Construtos da Identidade

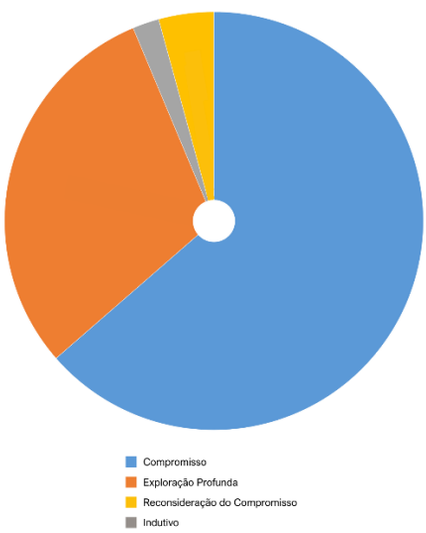
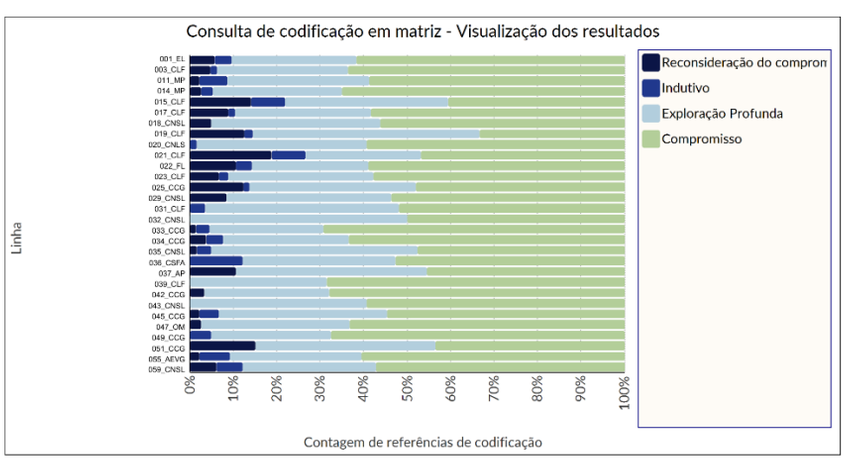


Figura 2

Consulta de Codificação em Matriz: Referências dos Construtos por Participante



No total, foram identificadas 2481 referências aos três construtos identitários referidos. O compromisso emergiu como construto identitário central (*n* = 1523; 63,6%) em todas as entrevistas codificadas, principalmente em discursos que expressam bem-estar geral e de satisfação. A exploração profunda vem logo a seguir como o segundo construto mais

predominante (*n* = 721; 29,6%), especialmente sob a forma de exploração mais profunda dos adolescentes às escolhas tomadas e reflexão ativa sobre as mesmas. Por fim, a reconsideração de compromisso (*n* = 102; 4,7%), surge com baixas percentagens, indicando ser o construto menos presente nos participantes e, a seguir as categorias indutivas (*n* = 49; 2,1%).

A Tabela 2 apresenta as medidas descritivas relacionadas com os construtos da identidade e os resultados obtidos na pontuação total e escalas de internalização e externalização do YSR.

Tabela 2

Medidas Descritivas Relativas aos Construtos Identitários e Resultados da YSR

		Média (*DP*)	Min-Max
Identidade	*Compromisso*	30.47 (7.41)	14–45
	Exploração Profunda	19.33 (5.74)	11–31
	Reconsideração do Compromisso	3.20 (3.34)	0-12
	Indutivo	1.63 (1.71)	0-7
YSR	*Escala de internalização*	16.32 (8.67)	5-43
	Escala de externalização	9.17 (5.59)	1-24
	Score total	43.20 (18.85)	15-98

Verificou-se que na identidade, o compromisso obteve pontuações no intervalo entre 14 e 45 (*M* = 30.47, *DP* = 7.41), a exploração profunda encontra-se no intervalo entre 11 e 31 *(M* = 19.33, *DP* = 5.74). A reconsideração do compromisso situa-se no intervalo entre 0 e 12 (*M* = 3.20, *DP* = 3.34) e as variáveis indutivas entre o intervalo de 0 e 7 (*M* = 1.63, *DP* = 1.71).

Nas pontuações obtidas na YSR, mais concretamente os resultados obtidos na escala de internalização estão entre 5 e 43 (*M* = 16.32, *DP* = 8.67). Na escala de externalização, as

pontuações estão entre 1 e 24 (*M* = 9.17, *DP* = 5.59). Por fim, no *score* total da YSR as pontuações variam entre 15 e 98 (*M* = 43.20, *DP* = 18.85).

4.3. Análises Correlacionais

Na Tabela 3 a análise dos construtos identitários revelou dois padrões relevantes. É possível verificar uma correlação marginalmente significativa entre o compromisso e a exploração profunda, *r* = .36, *p* = .052, indicando que uma exploração minuciosa dos compromissos tende a estar associada a maior compromisso. Em segundo, também foi possível verificar uma correlação marginalmente significativa entre a exploração profunda e a reconsideração do compromisso, *r* = .36, *p* = .051, indicando uma tendência para uma associação entre níveis mais elevados de questionamento dos compromissos e processos exploratórios mais intensos.

Tabela 3

Associação entre os Construtos da Identidade

	Identidade			
	Compromisso	Exploração Profunda	Reconsideração do Compromisso	Indutivo
Compromisso	--	.36 .052	.12 .51	-.12 .53
Exploração Profunda	.36 .052	--	.36* .051	-.22 ,24
Reconsideração do compromisso	.12 .51	.36* .051	--	-.005 .98
Indutivo	-.12 .53	-.22 ,24	-.005 .98	--

* p < .05

Na Tabela 4 verificou-se que nenhuma das dimensões identitárias apresentadas: compromisso, *r* = .19, *p* = .31, exploração profunda, *r* = .05, *p* = .80, reconsideração do compromisso, *r* = .28, *p* = .14, indutivo, *r* = -.26, *p* = .17, estão estatisticamente correlacionadas com o sexo dos adolescentes da presente amostra (*n* = 30). Estes resultados sugerem que nesta fase desenvolvimental, o processo identitário é semelhante entre os dois sexos. No entanto, é possível verificar uma relação estatisticamente significativa entre o sexo e os problemas de internalização, *r* = .38, *p* = .04, indicando que entre o sexo feminino e masculino existe um grupo mais vulnerável a sofrer de sintomas de internalização.

Tabela 4

Associação entre Sexo, Identidade e Comportamentos Problemáticos

	Identidade				Comportamentos Problemáticos		
	Compromisso	Exploração Profunda	Reconsideração do Compromisso	Indutivo	Escala de internalização	Escala de externalização	Cotação total
Sexo	.19	.05	.28	-.26	.38*	.1	.20
	.31	.80	.14	.17	.04	.6	.28

*p <.05

Na Tabela 5 são reveladas associações significativas entre a exploração profunda e os sintomas de internalização, r = .38, p = .04, sugerindo que quanto maior for a exploração, maior são os sintomas de internalização. Ainda se verificou uma associação significativa entre a reconsideração do compromisso e os sintomas de internalização, r = .50, p = .005, apontando para uma relação entre a incerteza identitária e uma maior prevalência de comportamentos de internalização.

Foi igualmente encontrada uma correlação significativa entre as escalas de internalização e externalização da YSR, r = .50, p = .005, indicando que os adolescentes com dificuldades emocionais apresentam uma propensão para externalizar o seu sofrimento através de comportamentos disruptivos. Adicionalmente, tanto os comportamentos de internalização, r = .83, p = <.001, e os comportamentos de externalização, r = .83, p = <.001, apresentam associações estatisticamente significativas com a cotação total da YSR. Esta dupla associação sugere um padrão frequente de coocorrência entre os sintomas de internalização e externalização na amostra estudada.

Tabela 5

Correlação entre os Construtos da Identidade e Comportamentos Problemáticos

	Comportamentos problemáticos			Identidade			
	Escala de internalização	Escala de externalização	Cotação Total	Compromisso	Exploração Profunda	Reconsideração do Compromisso	Indutivo
Escala de internalização	--	.50** .005	.83*** <.001	-.02 .92	.38* .04	.50** .005	-.04 .83
Escala de externalização	.50** .005	--	.83*** <.001	-.16 .40	.15 .41	.02 .91	-.08 .68
Cotação Total	.83*** <.001	.83*** <.001	--	-.04 .84	.32 .09	.31 .09	-.16 .41

*p < .05 ** p <.01 *** p < .001

Na Tabela 6, no grupo masculino, verificaram-se associações significativas não só entre a escala de internalização, r = .8, p = .002, como também na escala de externalização com a cotação total, r = .86, p = <.001, o que confirma a consistência interna do instrumento e a coocorrência entre ambos os problemas. Paralelamente, identificou-se uma correlação entre os problemas de internalização e a exploração profunda, r = .64, p = .03, demonstrando que os rapazes com maior sofrimento emocional desenvolvem processos de exploração identitária mais profundos.

No sexo feminino, os resultados demonstram que tanto a escala de internalização, r = .77, p = <.001, como a de externalização, r = .8, p = <.001, estão estatisticamente associadas à cotação total da YSR. A exploração profunda encontra-se positivamente associada ao compromisso, r = .58, p = .01, indicando que níveis mais elevados de exploração identitária coexistem com maior estabilidade nos compromissos assumidos. Adicionalmente, a exploração profunda tem uma correlação significativa com a reconsideração do compromisso, r = .49, p = .04, indicando que uma reflexão mais intensa sobre as escolhas realizadas pode aumentar e está associada a uma maior propensão para reconsiderar os compromissos atuais. Por fim, constatou-se que a exploração profunda e as variáveis indutivas também apresentam uma relação estatisticamente significativa, r = -.53, p = .03.

Tabela 6

Correlação a Identidade e os Comportamentos Problemáticos por Sexo

	Escala de Internalização	Escala de Externalização	Cotação Total	Compromisso	Exploração Profunda	Reconsideração do Compromisso	Indutivo
Masculino							
Escala de Internalização	--	.50 .1	.80** .002	–.44 .15	.64* .03	.40 .20	.44 .15
Escala de Externalização	.50 .1	--	.86*** <.001	-.13 .68	.19 .56	.09 .79	.32 .31
Cotação Total	.80** .002	.86*** <.001	--	–.27 .40	.49 .11	.21 .51	.22 .5
Compromisso	–.44 .15	-.13 .68	–.27 .40	--	–.20 –.15	-.45 .15	.24 .46
Exploração Profunda	.64* .03	.19 .56	.49 .11	-.004 .99	--	.12 .72	.31 .32
Reconsideração do Compromisso	.40 .20	.09 .79	.21 .51	-.45 .15	.12 .72	--	-.04 .91
Indutivo	.44 .15	.32 .31	.22 .5	.24 .46	.31 .32	-.04 .91	--
Feminino							

Escala de Internalização	--	.44 .07	.77*** <.001	.08 .77	.10 .68	.32 .20	-.04 .87
Escala de Externalização	.44 .07	--	.8*** <.001	-.18 .49	.03 .91	-.1 .71	-.23 .35
Cotação Total	.77*** <.001	.8*** <.001	--	.06 .83	.14 .59	.19 .46	-.33 .19
Compromisso	.08 .77	-.18 .49	.06 .83	--	.58* .01	.27 .28	-.18 .47
Exploração Profunda	.10 .68	.03 .91	.14 .59	.58* .01	--	.49* .04	-.53* .03
Reconsideração do Compromisso	.32 .20	-.1 .71	.19 .46	.27 .28	.49* .04	--	.04 .87
Indutivo	-.04 .87	-.23 .35	-.33 .19	-.18 .47	-.53* .03	.04 .87	--

* p < .05 ** p < .01 *** p < .001

5. Discussão

O presente estudo teve como objetivo examinar a aplicabilidade do Modelo de Três Fatores de Crocetti et al. (2008) na avaliação da formação identitária nos adolescentes. Mais especificamente, explorar as relações entre as três dimensões identitárias – compromisso, exploração profunda e reconsideração do compromisso – e comportamentos problemáticos de internalização e externalização, bem como o papel do género nestas dinâmicas.

5.1. Dimensões Identitárias

Quando analisamos a relação entre os construtos que emergiram das narrativas dos participantes, compromisso destacou-se como o construto mais prevalente nas narrativas dos adolescentes, sendo referido de forma predominante em todas entrevistas e associado a discursos de maior satisfação global e clareza identitária. Por sua vez, a exploração profunda surgiu como o segundo processo mais recorrente, igualmente referenciado por todos os participantes, frequentemente relacionado com maior abertura a novas experiências, procura de informações e reflexão crítica das escolhas realizadas. Contudo, a exploração profunda apresentou uma correlação marginalmente significativa com o compromisso, isto é consistente com modelos desenvolvimentais que associam a exploração prévia à consolidação dos compromissos dos adolescentes nesta faixa etária (Luyckx et al., 2006). Este resultado está em consonância com a literatura que indica que, com o desenvolvimento, os jovens reforçam os seus compromissos com as opções identitárias, mantendo níveis moderados de exploração ativa, enquanto a reconsideração diminuiu progressivamente (Bogaerts et al., 2021; Crocetti et al., 2009; Luyckx et al., 2014; Schwartz et al., 2012).

Adicionalmente a exploração profunda correlacionou-se positivamente com a reconsideração do compromisso, indicando que, em alguns casos relatados, um período de exploração mais intensa, pode conduzir a incertezas sobre as escolhas tomadas. Este achado alinha-se com estudos que destacam a exploração como um processo adaptativo, mas que quando excessivo, pode gerar instabilidade emocional, comportamentos disfuncionais, ceticismo e insegurança face às escolhas feitas (Crocetti et al., 2008; Crocetti et al., 2012; Karaś et al., 2014).

A reduzida reconsideração do compromisso observada nesta amostra pode indicar que, na faixa etária estudada (entre 16 e 17 anos), os adolescentes apresentam maior estabilidade nos seus compromissos, corroborando com investigações que apontam para uma consolidação progressiva das opções identitárias e uma diminuição da reconsideração com o avanço da idade

(Crocetti et al., 2008; Crocetti et al., 2010).

5.2. Relação entre a Identidade e os Comportamentos Problemáticos

Os resultados indicaram uma associação positiva entre a escala de internalização e a exploração profunda, sugerindo que uma exploração mais intensa das escolhas realizadas pode estar associada a um maior sofrimento emocional, tais como sintomatologia ansiosa e depressiva. Este achado está alinhado com a literatura, que conceptualiza a exploração como um processo adaptativo, mas salienta que, quando excessiva, pode conduzir a instabilidade emocional, comportamentos disfuncionais e insegurança face às escolhas realizadas (Crocetti et al., 2008; Crocetti et al., 2012; Karaś et al., 2014). Por outro lado, verificou-se igualmente uma correlação positiva entre a reconsideração do compromisso e os sintomas de internalização, indicando que, períodos de reflexão sobre a possível mudança de compromissos podem estar associados a dificuldades emocionais, reforçando a noção de que crises identitárias tendem a coexistir com mal-estar psicológico (Luyckx et al., 2008). Este resultado corrobora com estudos que associam a reconsideração do compromisso a problemas de internalização e externalização, dado ao seu carácter disruptivo semelhante a uma crise (Crocetti et al., 2009; Crocetti et al., 2015).

No que diz respeito aos comportamentos problemáticos de externalização, não se observam relações estatisticamente significativas com os construtos identitários, o que contrasta com os estudos prévios (Crocetti et al., 2013). Uma possível justificação reside nas características da amostra, que apresentam níveis reduzidos deste tipo de problemas. Contudo, correlação positiva entre as escalas de internalização e externalização, sugere que os adolescentes com maior sofrimento emocional podem simultaneamente exibir comportamentos disruptivos, corroborando a comorbilidade entre as dimensões (Achenbach & Rescorla, 1978).

5.3. Papel do sexo

Inicialmente não se verificaram associações significativas entre os processos identitários e o sexo dos adolescentes, o que está de acordo com alguns estudos anteriores (Archer, 1989; Bogaerts et al., 2021; Kroger, 1997), porém foi encontrada uma correlação positiva entre o sexo dos adolescentes e os problemas de internalização, indicando que entre o sexo feminino e masculino existe um grupo mais vulnerável a sofrer de sintomas de internalização.

Ao analisar separadamente a variável sexo da amostra, observou-se que nos rapazes, tanto os sintomas de internalização, como os de externalização, apresentaram uma forte correlação com a cotação total da YSR, confirmando a consistência interna do instrumento. Este

resultado está em consonância com estudos prévios que utilizaram o YSR (Achenbach & Rescorla, 2001; Dias et al., 2014), nos quais as escalas de internalização e externalização contribuem significativamente para o *score* total, refletindo a multidimensionalidade dos problemas psicológicos nesta fase desenvolvimental. Paralelamente, a exploração profunda mostrou-se positivamente associada aos sintomas de internalização, sugerindo que, nos rapazes, uma exploração mais intensa pode estar relacionada com maior sofrimento emocional. Estes resultados contrastam com parte da literatura, uma vez que os rapazes tendem a ter um maior envolvimento com comportamentos de externalização (Crocetti et al., 2013). Apesar de na literatura não reportar resultados semelhantes a estes, uma possível justificação pode residir no facto de que, como os rapazes amadurecem mais tarde, a correlação entre a exploração profunda e os sintomas de internalização podem estar associados a dúvidas, instabilidade e desconforto psicológico, justificando a associação observada (Klimstra et al.,2010).

No sexo feminino, também foram encontradas associações significativas entre a cotação total da YSR e as escalas de internalização e externalização, reforçando novamente a consistência interna do instrumento e coocorrência destes problemas. Adicionalmente, a exploração profunda correlacionou-se positivamente com o compromisso, indicando que, nas raparigas, as reflexões sobre as escolhas identitárias tendem a apresentar maior estabilidade com os compromissos assumidos. Estes resultados corroboram com os de Burwell e Shirk (2007), que destacam níveis mais elevados de autorreflexão no sexo feminino, o que favorece uma avaliação mais detalhada dos compromissos atuais. Verificou-se ainda uma associação positiva entre a exploração profunda e a reconsideração do compromisso, sugerindo que, apesar da segurança nas escolhas tomadas, podem ocorrer períodos de dúvida e reavaliação. Este padrão está alinhado com os resultados de Klimstra et al. (2010), que apontam para uma maior maturidade e níveis mais elevados de exploração profunda nas adolescentes. Tal pode indicar que, mesmo com compromissos consolidados, as raparigas mantêm uma tendência para reavaliar as suas opções de forma adaptativa e sem dificuldades emocionais vinculadas (Klimstra et al.,2010). Por fim, a exploração profunda foi negativamente associada às variáveis indutivas, o que sugere que as adolescentes com maior exploração tendem a apresentar narrativas mais alinhadas com os construtos teóricos estabelecidos, enquanto aqueles com menor exploração podem recorrer mais a temas não previstos inicialmente.

As diferenças nos padrões de correlação no sexo masculino e feminino pode dever-se ao facto que ambos desenvolvem a sua identidade de forma semelhante, sem diferenças

significativas dentro nos seus contextos (Archer, 1989; Kroger, 1997). No entanto, o desenvolvimento da identidade ocorre em múltiplos domínios, já que os adolescentes enfrentam a tarefa de formar e consolidar compromissos em diversos contextos relevantes na sua vida para a sua experiência atual, bem como para seus planos futuros (Erikson 1968), o que pode explicar as variações entre o sexo feminino e masculino desta amostra.

É ainda relevante ressaltar que estes resultados, em conjunto com a faixa etária da amostra, (16 aos 17 anos) coincidem com a transição do ensino secundário para o ensino superior ou mercado de trabalho. A entrada num novo contexto, o afastamento dos amigos e a necessidade de estabelecer novas relações podem precipitar a reavaliação dos compromissos identitários prévios. Especificamente no domínio educacional, os jovens são confrontados com a necessidade de avaliar se as suas escolhas correspondem às suas expectativas, comparando-as com alternativas possíveis (Klimstra et al., 2010). Assim, pode-se afirmar que a identidade dos adolescentes evolui principalmente através da sua adaptação na forma como gerem os seus compromissos, em vez de mudanças radicais nos compromissos em si. Este equilíbrio entre estabilidade e mudança permite aos jovens adaptar-se de forma flexível aos novos desafios inerentes à transição para a vida adulta, promovendo um desenvolvimento identitário saudável e progressivo (Klimstra et al., 2010).

6. Conclusão

Em suma, este estudo confirmou a validade do Modelo de Três Fatores proposto por Crocetti e colaboradores (2008), demonstrando que o compromisso emerge como a dimensão identitária mais proeminente na adolescência, enquanto a exploração profunda, embora adaptativa, pode estar associada a maior sofrimento emocional quando realizada de forma excessiva. A reconsideração do compromisso revelou-se pouco frequente nos relatos dos participantes, 16 aos 17 anos, o que sugere uma maior estabilidade nas suas escolhas identitárias. Contudo, mesmo sendo menos comum nesta fase, este processo mantém um papel adaptativo importante, ajudando os adolescentes a ajustarem-se às mudanças e desafios típicos nesta fase desenvolvimental. Os resultados evidenciaram associações significativas entre as dimensões identitárias e comportamentos de internalização, mas não se observaram relações estatisticamente relevantes com os comportamentos de externalização, devido à baixa expressão destes na amostra. As análises comparativas entre o sexo masculino e feminino indicaram padrões distintos e subtis, apoiando a noção de que a construção identitária segue trajetórias semelhantes, ainda que com particularidades específicas em cada grupo. Estes achados reforçam

o quadro teórico existente, que conceptualiza a formação da identidade como um processo dinâmico e intrinsecamente adaptativo (Crocetti et al., 2015; Klimstra et al., 2010). Tal processo permite aos adolescentes adaptarem-se de forma flexível aos desafios característicos da transição para a vida adulta, adaptando progressivamente os seus compromissos face às novas exigências contextuais e desenvolvimentais.

7. Limitações e Sugestões para Futuras Pesquisas

Apesar dos contributos relevantes deste estudo, importa reconhecer algumas limitações. Em primeiro lugar, o reduzido tamanho da amostra (n = 30) limita a generalização dos resultados, sugerindo a necessidade de investigações futuras recorram a amostras mais amplas e diversificadas. Outra limitação prende-se ao sistema de codificação adotado. Embora o *codebook* tenho sido fundamentado nos principais referenciais teóricos (Crocetti et al., 2008; Crocetti et al., 2010; Crocetti et al., 2012; Morsunbul et al., 2014; Karaś et al., 2014) e seguido uma abordagem mista, indutiva e dedutiva, seria necessário mais tempo para refinar os códigos para uma maior riqueza dos resultados obtidos.

Adicionalmente, os baixos níveis de comportamentos de externalização reportados na amostra poderão ter limitado a identificação dos padrões de associação significativos entre estes comportamentos, os processos identitários e o sexo dos participantes. Embora este estudo esteja integrado num estudo longitudinal, a presente análise centrou-se num único momento temporal, não permitindo acompanhar a evolução destes processos ao longo da adolescência. Por fim, sugere-se que estudos futuros explorarem mais aprofundadamente o papel do sexo dos adolescentes na relação entre os construtos identitários e os comportamentos problemáticos, considerando a complexidade e multidimensionalidade da construção identitária na adolescência.

8. Referências Bibliográficas

Achenbach, T. M., & Edelbrock, C. S. (1978). The classification of child psychopathology: A review and analysis of empirical efforts. *Psychological Bulletin*, *85*(6), 1275–1301. https://doi.org/10.1037/0033-2909.85.6.1275

Achenbach, T. M., & Rescorla, L. (2001). *Manual for the ASEBA school-age forms & profiles : an integrated system of multi-informant assessment*. ASEBA.

Achenbach, T., Rescorla, L., Dias, P., Ramalho, V., Sousa Lima, V., Machado, B., & Gonçalves, M. (2014). *Manual do Sistema de Avaliação Empiricamente Validado (ASEBA) para o Período Escolar: Um Sistema Integrado de Avaliação com Múltiplos Informadores* (A. Humphrey, Trans.; 1st ed.). Psiquilíbrios Edições.

Archer, S. L. (1989). Gender differences in identity development: issues of process, domain and timing. *Journal of Adolescence*, *12*(2), 117–138. https://doi.org/10.1016/0140-1971(89)90003-1

Bogaerts, A., Claes, L., Buelens, T., Verschueren, M., Palmeroni, N., Bastiaens, T., & Luyckx, K. (2021). Identity synthesis and confusion in early to late adolescents: Age trends, gender differences, and associations with depressive symptoms. Journal of Adolescence, 87(1), 106–116. https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2021.01.006

Bogaerts, A., Claes, L., Schwartz, S. J., Becht, A. I., Verschueren, M., Gandhi, A., & Luyckx, K. (2018). Identity Structure and Processes in Adolescence: Examining the Directionality of Between- and Within-Person Associations. *Journal of Youth and Adolescence*, *48*(5), 891–907. https://doi.org/10.1007/s10964-018-0931-5

Branje, S. (2021). Adolescent Identity Development in Context. *Current Opinion in Psychology*, *45*(45). https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2021.11.006

Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using Thematic Analysis in Psychology. *Qualitative Research in Psychology*, *3*(2), 77–101. https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa

Burwell, R. A., & Shirk, S. R. (2007). Subtypes of Rumination in Adolescence: Associations Between Brooding, Reflection, Depressive Symptoms, and Coping. Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 36(1), 56–65. https://doi.org/10.1207/s15374424jccp3601_6

Crocetti, E., Cieciuch, J., Gao, C.-H., Klimstra, T., Lin, C.-L., Matos, P. M., Morsünbül, Ü., Negru, O., Sugimura, K., Zimmermann, G., & Meeus, W. (2015). National and Gender Measurement Invariance of the Utrecht-Management of Identity Commitments Scale (U-MICS). *Assessment*, *22*(6), 753–768. https://doi.org/10.1177/1073191115584969

Crocetti, E., Jahromi, P., & Meeus, W. (2012). Identity and civic engagement in adolescence. *Journal of Adolescence*, *35*(3), 521–532. https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2011.08.003

Crocetti, E., Klimstra, T. A., Hale, W. W., Koot, H. M., & Meeus, W. (2013). Impact of Early Adolescent Externalizing Problem Behaviors on Identity Development in Middle to Late Adolescence: A Prospective 7-Year Longitudinal Study. *Journal of Youth and Adolescence*, *42*(11), 1745–1758. https://doi.org/10.1007/s10964-013-9924-6

Crocetti, E., Klimstra, T., Keijsers, L., Hale, W. W., & Meeus, W. (2009). Anxiety Trajectories and Identity Development in Adolescence: A Five-wave Longitudinal Study. *Journal of Youth and Adolescence*, *38*(6), 839–849. https://doi.org/10.1007/s10964-008-9302-y

Crocetti, E., Rubini, M., & Meeus, W. (2008). Capturing the dynamics of identity formation in various ethnic groups: Development and validation of a three-dimensional model. *Journal of Adolescence*, *31*(2), 207–222. https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2007.09.002

Crocetti, E., Schwartz, S. J., Fermani, A., & Meeus, W. (2010). The Utrecht-Management of Identity Commitments Scale (U-MICS). *European Journal of Psychological Assessment*, *26*(3), 172–186. https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000024

De Lise, F., Luyckx, K., & Crocetti, E. (2023). Identity Matters for Well-Being: The Longitudinal Associations Between Identity Processes and Well-Being in Adolescents with Different Cultural Backgrounds. *Journal of Youth and Adolescence*, *53*. https://doi.org/10.1007/s10964-023-01901-8

Dimitrova, R., Buzea, C., Taušová, J., Uka, F., Zakaj, S., & Crocetti, E. (2018). Relationships between identity domains and life satisfaction in minority and majority youth in Albania, Bulgaria, Czech Republic, Kosovo, and Romania. *European Journal of Developmental Psychology*, *15*(1), 61–82. https://doi.org/10.1080/17405629.2017.1336997

Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and Crisis*. W.W. Norton & Company.

Karaś, D., Cieciuch, J., Negru, O., & Crocetti, E. (2014). Relationships Between Identity and Well-Being in Italian, Polish, and Romanian Emerging Adults. *Social Indicators Research*, *121*(3), 727–743. https://doi.org/10.1007/s11205-014-0668-9

Klimstra, T. A., Hale III, W. W., Raaijmakers, Q. A. W., Branje, S. J. T., & Meeus, W. H. J. (2010). Identity Formation in Adolescence: Change or Stability? Journal of Youth and Adolescence, 39(2), 150–162. https://doi.org/10.1007/s10964-009-9401-4

Kroger, J. (1997). Gender and identity: The intersection of structure, content, and context. *Sex Roles*, *36*(11/12), 747–770. https://doi.org/10.1023/a:1025627206676

Luyckx, K., Goossens, L., & Soenens, B. (2006). A developmental contextual perspective on identity construction in emerging adulthood: Change dynamics in commitment formation and commitment evaluation. *Developmental Psychology*, *42*(2), 366–380. https://doi.org/10.1037/0012-1649.42.2.366

Luyckx, K., Soenens, B., Goossens, L., Beckx, K., & Wouters, S. (2008). Identity Exploration and Commitment in Late Adolescence: Correlates of Perfectionism and Mediating Mechanisms on the Pathway to Well–Being. *Journal of Social and Clinical Psychology*, *27*(4), 336–361. https://doi.org/10.1521/jscp.2008.27.4.336

Luyckx, K., Teppers, E., Klimstra, T. A., & Rassart, J. (2014). Identity processes and personality traits and types in adolescence: Directionality of effects and developmental trajectories. *Developmental Psychology*, *50*(8), 2144–2153. https://doi.org/10.1037/a0037256

Marcia, J. E. (1980). Identity in adolescence. *Handbook of adolescent psychology*, *9*(11), 159-187.

Meeus, W. (1996). Studies on identity development in adolescence: An overview of research and some new data. *Journal of Youth and Adolescence*, *25*(5), 569–598. https://doi.org/10.1007/bf01537355

Morsunbul, U., Crocetti, E., Cok, F., & Meeus, W. (2014). Brief report: The Utrecht-Management of Identity Commitments Scale (U-MICS): Gender and age measurement invariance and convergent validity of the Turkish version. *Journal of Adolescence*, *37*(6), 799–805. https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2014.05.008

Papalia, D. E., Sally Wendkos Olds, Ruth Duskin Feldman, & Martorell, G. (2012). *Experience human development*. Mcgraw-Hill.

Rokvic, N., Karataş, S., & Crocetti, E. (2022). Validation of the Serbian Version of the Utrecht-Management of Identity Commitments Scale (U-MICS) in an Adult Population. *Identity*, *22*(4), 1–11. https://doi.org/10.1080/15283488.2021.1913166

Schwartz, S. J., Klimstra, T. A., Luyckx, K., Hale, W. W., & Meeus, W. H. J. (2012). Characterizing the Self-System over Time in Adolescence: Internal Structure and Associations with Internalizing Symptoms. *Journal of Youth and Adolescence*, *41*(9), 1208–1225. https://doi.org/10.1007/s10964-012-9751-1

Schwartz, S. J., Zamboanga, B. L., Wang, W., & Olthuis, J. V. (2009). Measuring Identity From an Eriksonian Perspective: Two Sides of the Same Coin? *Journal of Personality Assessment*, *91*(2), 143–154. https://doi.org/10.1080/00223890802634266

Udo Kuckartz, & Rädiker, S. (2023). Qualitative Content Analysis. SAGE.